

JOSÉ ALBANO

In memoriam

João Ribeiro

Quando me dispunha a escrever, como de costume, as minhas impressões de actualidade ou de reminiscencias para os leitores da — **Revista Nacional** — eis que me surprehende a triste noticia do fallecimento em Paris de um dos nossos mais inspirados poetas, José Albano.

Ninguem o conheceu quasi, fôra de um pequenino circulo de admiradores. Parece que escreveu muito pouco e quasi nada publicou, a não ser dois pequeninos cadernos de versos, exíguos e quasi clandestinos em sua insignificante circulação.

Todavia, era José Albano um poeta inspirado, alheio a todas as escolas poéticas a não ser daquella que se approxima das fontes genuínas da poesia popular.

Como era um discolo, pouco lhe havia de importar o commentário dos seus contemporâneos ou a gloriola de se ver aclamado.

Coisa difficil, e às vezes empresa arriscada, era tentar arrancar-lhe do ineditismo voluntario a que se propunha deliberadamente, evitando a vozeria dos criticos e dos philisteus da literatura.

— Faço versos para ninguem (dizia sempre) porque nem a mim mesmo me aprazem.

E não era um dito vão, pois que na realidade se abstinha da imprensa a que votava odio tranquillo, profundo e irreductivel.

Entretanto, conhecemos alguns dos seus versos.

A julgar por esses raros especimens do seu estro, dir-se-ia que era um homem simples que nada mais accusava que a rusticidade da natureza.

Assim era. Mas, entretanto, sua erudição foi vastíssima, pois que lhe eram familiares as grandes literaturas do mundo — a allemã, a inglesa, a grega e a latina, cujas linguas cultivava com esmero.

Parece um milagre que tão vasta erudição não prejudicasse as qualidades nativas e ingenuas da sua poesia sem emphase, simples e fluente, tão natural como a das gentes sertanejas do maravilhoso nordeste, onde nasceu.

Essa falta de artificio explica-se talvez pelo seu horror ingenito a tudo que era pedantismo literario, ainda que, se olhasse um pouco para si proprio, acharia a imagem perfeita do pedante.

Era, em verdade, um pedante de marca. Seus themas habituaes de conversação, quanto pude observar, cifravam-se em impertinentes questões de grammatica e da peor grammatica que a meu vêr consiste na supposta propriedade dos usos didacticos e classicos.

Um dos seus dois folhetos é um poema, verdadeiro **pastiche** dos **Lusiadas** e por isso mesmo de mediocre valor, embora nella occurram lindos versos esparsos que, em outros seculos mais petrarquianos que o nosso, lhe dariam qualquer lugar e grao de estima.

O outro folheto é realmente o mais caracteristico da sua imaginação poetica.

Com tão mesquinhas paginas não poderá talvez fundar a reputação de um nome literario, salvo se deixou qualquer obra inédita do mesmo teor.

Essa hypothese não é muito provavel, porque José Albano, pouco escrevia e mais se dissipava nos dialogos intimos dos raros camaradas.

Fui um destes raros “amigos” do poeta. E nem posso gabar-me de que fui amigo, porque José Albano protestava não os ter nem os querer, por impossiveis. Não acreditava na amizade e se acreditasse nella, faria como Platão, previa rasoura de tudo quanto de longe ou perto cheirasse à literatura.

Achava, como Kierkegard, que as letras cedo ou tarde corrompem o character.

Assim, pois, creio que só teve companheiros momentaneos e eventuaes, sem responsabilidades e sem compromissos.

Esse estado de alma era o prenuncio da molestia terrivel que lhe arrebatou a razão. Desde que o conheci notei o seu desequilibrio mental: mas essa perturbação, segundo o meu inepto diagnostico, devia ser insignificante e precaria e talvez fosse (pensava eu então) uma dessas **poses** frequentes entre certos homens de espirito.

*
* *

José Albano era ou tinha pretensões de elegante. Usava o monoculo, e não iam mal á sua figura (que lembrava a de Musset) os seus colletes de velludo e a sua fina barba á Nazarena.

Parecia-me antiquado nessas feições romanticas que, chamando a attenção de todos, por isso mesmo se tornavam de grande vulgaridade.

Um symptoma grave das suas contradicções pude verificar no momento em que partia do Rio de Janeiro, doente e já tristemente affectado pelos prodromos da loucura.

José Albano não permitia em sua conversação qualquer palavra impudica, e, nem pessoa alguma se animava a referir qualquer anecdota impura ou qualquer historia erotica. Enrubescia, vociferava com grandes indignações, e azulava.

De uma feita, em companhia jovial e desattenta, o barão de H..., allemão, proferiu certa palavra equivocca ou licenciosa; José Albano sacou do bolso o lenço e apresentou-lh-o, dizendo:

— Limpe essa boca.

O caso ia degenerando em conflicto, quando a intervenção discreta de alguns amigos conseguiu apaziguar a furia do offendido e do offensor.

Pois bem. Quando José Albano se retirava do Rio, uma livraria qualquer annunciava e punha á venda uma collecção de livros allemães. Fui ver esses livros onde por ventura poderia eu encontrar alguns numeros de interesse.

O que realmente vi foi essa terrível **Schund-literatur** que faria córar o proprio Rabelais, tão desenvolvido e desbocado era aquelle thesouro bibliographico que se acotovelava com os versos de Goethe e de Heine. Era a livraria do nosso poeta.

Apesar dessa curiosidade malsã, José Albano foi sempre um homem puro, honestissimo e digno da affeição de todos nós que o conheciamos.

Sua vida era illibada e sem macula; nada se podia incriminar ao seu character a não ser aquella incuravel misanthropia que, por vezes, o assaltava.

Era, pois, um doente e nada mais. A curiosidade por aquella literatura de erotismo devia ser mais uma das suas numerosas contradições e exquisitices de espirito sem importancia para a vida cristalina e impecavel do poeta.

Quando rebentou a grande guerra mundial de 1914 nelle se exacerbou a molestia que o perseguia, declarando-se em verdadeira loucura.

Tomou o partido da Inglaterra que conhecia e amava desde os verdes annos da infancia e mocidade. Considerou-se perseguido da espionagem allemã e foi recolher-se á ilha vingadora donde poderia assistir á victoria final do occidente colligado. Nem essa mesma victoria lhe restituiu a razão, que afinal se apagou nas trevas num dia de julho em Paris.

As suas inconsequencias fizeram-no figurar nas chronicas humoristicas do jornalismo e num romance nacional como personagem excentrico e intratavel.

Foi tudo quanto deu a sua memoria que, entretanto, merecia e merece muito mais.

É possível que a familia guarde os manuscriptos do poeta, se existem acaso. O pouco, muito pouco que d'elle temos, lembra-nos pela escassez e pela suavidade as trovas de Crisfal.

Creio servir à curiosidade dos leitores publicando os versos de José Albano que d'elle consegui a custo para o **Almanaque Garnier** de 1908.

Fui eu quem passou a dirigir o **Almanaque** (depois de Ramiz Galvão) annuario excellente, pela imparcial variedade de autores e escriptos e pelas noticias do Brasil e de suas rique-

zas materiaes e moraes. Infelizmente o **Almanaque** desapareceu em 1914 e difficilmente cessará essa interrupção.

Lá é que saíram pela primeira vez os versos de José Albano. Vamos em parte transcrevel-os, pois que não tiveram maior repercussão, e hoje seria difficil alcançal-os em um numero já esgotado daquelle annuario.

As — **Redondilhas** — como era o título, abrangiam trovas avulsas, cantigas e voltas.

Eis, em primeiro lugar, algumas das **trovas**:

ANCORAS

Duas ancoras num dia
Vi rompendo em luzes flavas;
Uma era o sol que surgia
A outra eras tu que chegavas.

A violeta anda chorosa,
E a rosa alegre e faceta
Só porque te chamei rosa
E não te chamei violeta.

Nesta existencia padeço
De dois males, aí de mim!
Da ventura sem começo
E da tristeza sem fim.

São bellos esses versos talvez inspirados na musa popular; mais ainda são mais formosas as poesias esparsas e as cantigas conforme se póde vêr de dois exemplos:

ESPARSA

Ha no meu peito uma porta,
A bater continuamente,
Onde a esperança jaz morta
E o coração jaz doente.
Em toda a parte em que eu ando

Oiço este ruído infundo:
São as tristezas entrando,
E as alegrias sahindo.

A — **Cantiga** — que se vae ler não é inferior ás que nos deixaram Bernaldim Ribeiro ou Christovão Falcão.

Eil-a:

Nestes sombrios recantos,
Nestes saudosos retiros,
A agua desliza dos prantos.
Sopra o vento dos suspiros.

VOLTA

Tenho n'alma dois moinhos,
Um é d'agua, outro é de vento;
Ambos juntos e vizinhos;
Ambos sempre em movimento,
E giros tantos e tantos,
E tantos e tantos giros,
Dão ao primeiro os meus prantos.
E ao segundo os meus suspiros.

Os nossos poetas do momento recusariam o louvor a essas canções, um pouco archaisantes, antiquadas ou camonianas que só se encontram nos velhos cancioneiros de antanho. A belleza, porém, nada tem que vêr com a chronologia: só a moda gosta de triumphos ephemeros.

É pena que a obra poetica de José Albano seja tão mequinha pela quantidade, se acaso não deixou inéditas outras joias de seu escriptorio.

Eis o que posso dizer desse poeta quasi obscuro e desconhecido, pessimista, misanthropo, grammatico e polyglotta notavel.

Havia no seu espirito profunda religiosidade; era deista christão e catholico. Apenas não acreditava na virtude dos homens.

Em outro tempo seria talvez um inquisidor; hoje, um maníaco.

Amanhã, quem sabe? será um poeta ressuscitado para o nosso Parnaso.

(Julho de 1923)